



MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA – SR(05)

Parecer Técnico de Identificação e Delimitação do
Território da Comunidade Quilombola de Dandá
Município de Simões Filho - Bahia

SUMÁRIO

1. Introdução	e
Objetivo.....	3
--- LAUDO AGRONÔMICO	
2. Características gerais da área de influência do território....	5
3. Características físicas e edafo-climáticas do território.....	9
----PARECER ANTROPOLÓGICO.....	14
4. A comunidade Dandá.....	14
5. Histórico da Ocupação.....	18
6. Organização Social.....	24
7. Ambiente	e
Produção	33
___ calendário de festas	
8. Território Reivindicado.....	40

9. Recomendações.....	..45
10. Bibliografia.....	...47
11. ANEXOS	
----Árvore Genealógica	
---Memorial Descritivo	
-- Planta do Território	

1. INTRODUÇÃO E OBJETIVO

A Comunidade Negra Rural Quilombola Dandá localiza-se à margem da BA 93, Km 09, no Município de Simões Filho, Estado da Bahia. Ao se definir como remanescente de quilombo, Dandá foi certificada junto à Fundação Cultural Palmares em 30 de abril de 2004, para fins de demarcação e titulação do seu território tradicional.

A partir da certificação da Fundação Cultural Palmares, cabe ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a responsabilidade legal de iniciar o procedimento administrativo de reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras reivindicadas pelas comunidades remanescentes de quilombos. Estas ações têm como base legal o Decreto Presidencial 4887/2003 e a Instrução Normativa INCRA 20/2005, instrumentos infra constitucionais regulamentadores do Art.68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal.

Com esta finalidade, foi constituída uma comissão de campo, através da Ordem de Serviço/INCRA/SR-05/Ba/Gab/Nº 137/2005, formada pelos servidores Camila Dutervil,

antropóloga, Genildo Souza de Carvalho, Fiscal de Cadastro, Everaldo dos Anjos Souza, Engenheiro Agrônomo/CDA e Raimundo Batista de Oliveira, Topógrafo/CDA. Os trabalhos foram oficialmente iniciados com uma assembléia na comunidade, para informar sobre as etapas do processo de identificação e delimitação territorial.

No Parecer Técnico encontram-se sintetizados o percurso histórico e o quadro sócio-cultural e econômico da comunidade Dandá, e identificado, demarcado e delimitado o seu território de ocupação tradicional. Para tanto, foram utilizados como instrumentos oficinas para a facilitação do diálogo entre os técnicos e a comunidade, entrevistas semi-estruturadas, formulários para cadastramento, caminhadas e observação participante. Esses instrumentos foram complementados com a pesquisa bibliográfica, pesquisa cartorial e produção de mapas.

Os supracitados instrumentos permitiram a compreensão detalhada dos seguintes aspectos: histórico da ocupação do território; delimitação do território; identificação e caracterização das diversas unidades de uso e manejo dos recursos naturais; caracterização dos sistemas produtivos; construção do calendário de atividades culturais e definição da cadeia dominial.

2. CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ÁREA DE INFLUÊNCIA DO TERRITÓRIO

Localização Geográfica e Divisão Política-administrativa do município de Simões Filho

- **Coordenadas Geográficas**

Coordenadas Geográficas Lati. Sul: 12°31'03,990" e Long. Oeste: 38°06'22,950" e
 13°03'22,832" 38°06'22,950"
 Altitude: 50 m

⇒ **Município de Simões Filho**

Coordenadas:	12°53'00" de latitude sul
	38°41'00" de longitude oeste de Greenwich

Altitude: 50 m

Área: 207 km²

Distâncias das Principais cidades da região e da Capital

Salvador	22km
Camaçari	22km
Comunidade Quilombola Dandá	06km

Microrregião Homogenia	(020) Metropolitana de Salvador
Região de Planejamento:	(001) Metropolitana de Salvador
Região Administrativa:	(001) Metropolitana de Salvador
Região Econômica:	(001) Metropolitana de Salvador

Formação Administrativa		
Origem:		Salvador
Limites	Norte	Dias D'Ávila
	Leste:	Camaçari
	Sul:	Salvador
	Oeste:	Candeias e Salvador

Extensão territorial: | 207km²

- **Limites e confrontantes:**

Ao Norte	Com ESTRADA VICINAL, PASTO, BA-093, JANILDA ARCANJO DE SOUZA, BARBOSA, MAGALHAES, MARCOS CARVALHO e LOTEAMENTO GUAIBA
Ao Sul	Com GEOVANE, CAMPINAS e FAZENDA DO NATAL
Ao Leste	Com ESTRADA VICINAL, PASTO, BA-093, JOSE CARLOS E RITA, JOSE BISPO, GEOVANE e FAZENDA DO NATAL
Ao Oeste	Com JANILDA ARCANJO DE SOUZA, BARBOSA, CELESTINO, MAGALHAES, PONTOS CARVALHO e LOTEAMENTO GUAIBA

- **Coordenadas Planas UTM dos Extremos do Território**

Ao Norte	N – 8 595 997,17m	E – 564 333,98m
Ao Sul	N – 8 594 097,15m	E – 562 298,80m
Ao Leste	N – 8 594 752,38m	E – 565 610,77m
Ao Oeste	N – 8 594 097,15m	E – 562 298,80m

Geomorfologia e Relevo

- **Geologia**

Os estudos geomorfológicos têm como objetivo fornecer subsídios para a avaliação das aptidões geo-ambientais das áreas geográficas, quase sempre determinantes para a viabilidade do aproveitamento racional dos recursos naturais, em especial dos recursos hídricos e dos solos.

Destaca-se as seguintes unidades: Conglomerados/brechas, Gnaisses, metatextitos, arenitos, depósitos fluviais, depósitos costeiros: areias de praias, dunas, mangues, terraços e cordões litorâneos, Amianto, Caulim e pedra para construções.

O Relevo é composto pelas seguintes unidades: Baixada litorânea Tabuleiros Pré Litorâneos, Planícies Marinhas e Fluviomarinhas.

Aspectos Físicos

- **Solo**

Devido à sua grande extensão geográfica e à grande variedade de condições climáticas e geomorfológicas, a bacia do Recôncavo apresenta uma grande diversificação de tipos de solos, que individualizam as unidades de mapeamento.

Classes de Solos de possível Ocorrência no município de Simões Filho e no imóvel em epigrafe.

Podzólico Vermelho-Amarelo álico, Latossolo Vermelho-Amarelo álico, Podzol Hidromórfico, Solos indiscriminados de mangue (manguezal).

- **Climatologia**

A área da bacia do Rio Joanes localiza-se geograficamente numa porção particularmente complexa do território baiano, cujo espaço territorial apresenta uma diversidade condição climática, pela conjunção de sistemas de circulação e fatores geográficos. Aliados aos elementos climáticos, o fator relevo, a vegetação e o antropismo, criam condições climáticas locais complexas.

O tipo climático Úmido, com temperatura média de 24,7°C, máxima de 30,1°C e mínima de 21,1°C, com risco de seca é baixo e médio, inserido no polígono das secas em 0% do território, sendo o período chuvoso de Abril a junho.

- **Umidade Relativa do Ar**

A umidade relativa média para a bacia é de 52,7%, As isoígras, do cartograma de umidade da bacia do Rio Joanes na região Metropolitana, mostram os mais altos valores de umidade esta registrado nos meses de abril a julho, chegando a zero nos meses de janeiro a março.

Aspectos Bióticos

- **Vegetação**

Ao longo do seu curso, o rio Joanes e a região metropolitana apresentam um variado cenário de vegetação, incluindo desde as Formações Pioneiras com influencia fluviomrinha (mangue), arbórea, Floresta ombrófila densa, Contato cerrado-restinga, ocorrendo esses mesmo biomas no município de Simões Filho.

- **Fauna**

Os estudos da fauna foram orientados para a identificação e a caracterização da macro-

fauna aquática e da macro-fauna terrestre, mais diretamente associada aos recursos hídricos da bacia, envolvendo o seguinte escopo:

Levantamento qualitativo das espécies de maior representatividade na região; avaliação dos impactos existentes sobre a fauna; identificação de espécies e áreas propícias para o desenvolvimento de projetos conservacionistas; e proposições de medidas de conservação da fauna.

A macrofauna aquática e terrestre da região metropolitana e de Simões Filho está representada pelos peixes, crustáceos, moluscos, anfíbios, répteis, mamíferos e aves que se encontra bastante descaracterizada, pela antropização que se apresenta no município.

3. CARACTERÍSTICAS FÍSICAS E EDAFO-CLIMÁTICAS DO TERRITÓRIO

Aspectos Bióticos

- **Vegetação**

O território onde esta a Comunidade de Remanescentes de Quilombos apresenta diversidade de formações vegetais, estando estas em constantes ameaças devido ações antropicas para o desenvolvimento da agropecuária e demais empreendimentos realizados.

Foram identificadas varias região fito-ecológica:

As Formações Pioneiras com influencia fluviomrinha (mangue), arbórea, Floresta ombrófila densa.

Estas formações caracterizam-se por um clima úmido; com temperatura média de 24,7°C, máxima de 30,1°C e mínima de 21,1°C, com risco de seca é baixo e médio, inserido no polígono das secas em 0% do território, sendo o período chuvoso de Abril a junho, com médias pluviométricas variando entre 1600 e 2000mm. O estrato superior apresenta árvores com alturas que variam de 20 a 30m, em alguns casos alcançando até 35 metros de altura. No entanto, foi observado no território a presença de forma endêmica, de algumas

espécies desta formação florísticas com altura máxima entre 5 a 10m, devido as diversas ações antrópicas, promovidas desde a época da colonização com a implantação da cana-de-açúcar pelos senhores de fazendas, posteriormente com a substituição pela cultura de subsistência e pastagem. Hoje no território predomina a área de pastagem e área remanescente da cultura de subsistência.

A propriedade está inserida numa região de ocorrência de Floresta ombrófila densa, Contato cerrado-restinga, apresentando uma associação florística heterogênea. Apresenta um dossel diversificado e substrato arboréa. Atualmente, encontramos remanescentes de floresta primária, comunidades de substituição representadas por pastos nativos (capim amargoso), capoeirão e capoeiras médias e baixas, presente em toda a extensão do imóvel. Assolada pela exploração madeireira e pela atividade pecuária que possui destaque na região, o imóvel teve toda sua fitofisionomia original alterada. Atualmente encontram-se apenas pequenas áreas espaçadas de capoeiras, que possuem poucas espécies florestais da vegetação nativa.

• Fauna

A macrofauna aquática e terrestre do imóvel está representada por anfíbios, répteis, mamíferos e aves.

A *Fauna* e macro fauna aquática e terrestre são representadas por *peixes*. Vários *anfíbios* como sapos, pererecas, rãs, vivem nos cursos d'água; *moluscos* como o caramujo; os *répteis* como lagartos, jabotis, jararacas, jaracuçu, teiús; *crustáceos* como camarão, pitu e as *aves* como coruja, sabiá, gavião, guriatã, periquito, perdiz, nambu, codorna, canários, marrecos, garça branca, etc. e pequenos *mamíferos*.

A comunidade tem percebido uma redução no número de indivíduos dessas espécies com o passar dos anos.

Aspectos Físicos

- **Solo**

Classes de solo com ocorrência na propriedade:

☉ **ARGISSOLOS VERMELHO-AMARELOS** alumínicos (**PVAa**)

A classe de solo que ocorre com grande expressão nas áreas de encosta dos solos estudados variando a textura de arenosa a argilo-arenosa, abrangendo grande área do imóvel. O que dificulta o tráfego de veículos e máquinas, assim como o uso de implementos agrícolas. Suas principais características são baixa capacidade de troca catiônica, teor de argila do horizonte B textural é de textura média ou argilosa, estrutura fraca e consistência friável quando úmido. Os atributos químicos e mineralógicos são semelhantes aos dos solos do tipo Latossolos Amarelos.

☉ **LATOSSOLO VERMELHO-AMARELOS** Distróficos (**LVAd**)

Dentro desse grupo, predominam os solos com caráter distrófico e álico com uma distribuição variável. São solos minerais, não hidromórficos, comumente profundos a muito profundos, forte a moderadamente drenados, com boa porosidade e seqüência de horizontes A, B e C, com pouca diferenciação entre eles, e cores variando do vermelho ao amarelo com tons intermediários.

Foi observada a classe textural média, horizonte A fraco a moderado e relevo variando de plano até ondulado. As fases de relevo plano e suave ondulado estão associadas principalmente a coberturas detríticas relacionadas ao Terciário-Quaternário, e apresenta-se na maioria das vezes com caráter álico e distrófico.

O potencial agrícola destes solos é bom, sendo que os problemas relativos ao caráter álico podem ser minimizados com calagem e a baixa fertilidade, com adubações.

☉ **NEOSSOLOS FLÚVICOS** Tb Distróficos típicos **RUBd** (Solos Aluviais)

São solos minerais pouco desenvolvidos, constituídos por deposição de sedimentos fluviais recentes, que formam camadas estratificadas de diferentes composições granulométricas, sem nenhuma relação pedogenética entre si. Apresentando drenagem em geral moderada e imperfeita, com sinais de gleização em profundidade. São utilizados para a agricultura, principalmente horticultura, mas deve-se tomar algumas precauções com relação às inundações. Correspondem a aproximadamente 5% do imóvel.

Recursos Hídricos

A Bacia hidrográfica do Rio Joanes é a que está o imóvel em apreço, e está composta por pequenos cursos d'água alimentada por nascentes existentes no imóvel, não apresenta poços artesianos na propriedade, assim como tem uma pequena barragem.

Relevo

O imóvel está situado numa região de relevo litoral com Baixada Litorânea, Planícies Marinhas e Fluviomarinhas com relevo plano e suave ondulado de estudo apresentam com características da região do litoral com Baixada Litorânea, Planícies Marinhas e Fluviomarinhas com relevo plano e suave ondulado.

É caracterizado por um modelado uniforme, com pequenas colinas e morros alongados, com altitude entre 6m a mais de 19m.

Com base na gênese do solo e localização do território o relevo apresenta características de superfície com pouca movimentação, variando entre de Plano, Suave Ondulado.

A Tabela a seguir discrimina a distribuição da classe de relevo.

Distribuição das classes de relevo:

Classes de relevo	% no imóvel	Área aproximada (ha)
Suave Ondulado (3 a 8%)	36,46	126,76642
Ondulado (8 a 20%)	43,99	152,94294

Fortemente ondulado (20 a 45%)	19,55	67,97464
--------------------------------	-------	-----------------

Classes de Capacidade de Uso das Terras

A classe de capacidade de uso das terras do território, deverá subsidiar a proposta de uso e manejo, respeitando as restrições, limitações e aptidões, culminando no uso racional e sustentável das mesmas.

Esta classificação intenta agrupar as terras com características semelhantes quanto ao uso, indicando as possibilidades e as limitações.

A classificação é feita considerando-se os fatores que exercem maior influência sobre o uso das terras, onde destaca-se a natureza do solo, declividade, erosão, drenagem e clima.

TABELA – Classe de Capacidade de Uso das Terras

Classe de Capacidade de Uso	Área %	Fator Limitante	Classe de Solo
IV	45	Fertilidade /profundidade	Latossolos Argissolos vermelho-amarelos alumínicos alissólicos
VI	25	Declividade. Pedregosidade, fertilidade natural e profundidade.	Argissolos vermelho-amarelos alumínicos alissólicos, Solos Aluviais.
VII	15	Declividade. Pedregosidade, erosão fertilidade natural e profundidade.	Argissolos vermelho-amarelos alumínicos alissólicos, Solos Aluviais
VIII	15	Declividade, erosão, Drenagem, solos rasos e pedregosidade	Argissolos vermelho-amarelos alumínicos alissólicos

Nota Agronômica

Localização e acesso: **Muito Bom** = (0,617 x 0,45) + (0,427 x 0,25) + (0,332 x 0,15) + (0,285 x 0,15); **NA = 0,47695**

4. A COMUNIDADE DE DANDÁ

A comunidade quilombola Dandá está localizada no município de Simões Filho, Estado da Bahia compreendendo terrenos dos imóveis rurais Fazenda Coqueiros e Fazenda Mata Grossa I e II.

O município de Simões Filho faz parte da área do Recôncavo Baiano onde no século XVII se instalaram os engenhos produtores da cana-de-açúcar. A herança colonialista portuguesa no município é percebida pela devastação de suas matas para a produção açucareira. No local onde hoje é a sua sede, funcionava a usina de Engenho Novo, entre outras usinas espalhadas pela região.

Município de Simões Filho

Desde que recebeu a instalação de diversas indústrias, em 1973, o município passou a integrar a Região Metropolitana de Salvador. Com a industrialização da área, a necessidade de vias de acesso cresceu, e no decorrer das últimas décadas a malha rodoviária aumentou, contando hoje com a seguinte estrutura viária: a BR 324, que atravessa a bacia ligando os municípios de Candeias e São Sebastião do Passe e BA 093, que corta a bacia na altura da represa Joanes II .

A bacia hidrográfica do rio Joanes sofreu intensas modificações no uso do solo ao longo dos anos, com progressiva substituição da mata nativa por outros tipos de vegetação, e um intenso processo de urbanização. Associado a isto o rio Joanes teve o seu curso d'água barrado, bem como o de seu principal afluente, o rio Ipitanga.

Outra atividade desenvolvida na região é a mineração, com extração de areia e de caulim no município de Camaçari, e de cascalho e pedras na região das barragens de Joanes I e Ipitanga II e III, para construção civil (SRHSH, 1996). Em 2003, o IBGE registrou 100.702 habitantes no município.

A comunidade Dandá¹ é composta por 36 famílias, distribuídas à margem da BA 093 e no fundo da área, e por outros núcleos familiares que em virtude dos conflitos

¹Dandá é o nome de uma planta muito usada em banhos de purificação e limpeza nos cultos Candomblé

tiveram que migrar, para localidades próximas. Contudo, muitos dos quilombolas que hoje residem fora do território reivindicado permanecem vinculados a Dandá, são membros da Associação e trabalham nas roças do fundo da área e na casa de farinha.

Atualmente, os(as) trabalhadores(as) ocupam praticamente toda a fazenda e produzem em regime misto: coletivo na roça comunitária e com força de trabalho familiar nas demais roças. Os jovens e as mulheres conquistaram espaço na organização da comunidade e estão iniciando um processo de desenvolvimento da auto-estima e de geração de trabalho e renda.

A expectativa de vida na comunidade é de, em média, 70 anos, e embora alguns quilombolas como Dona Chica possuam amplo conhecimento das ervas medicinais, a maioria dos habitantes de Dandá se consulta com médicos em Camaçari. O posto de saúde mais próximo localiza-se em Simões Filho. Não existe sistema de esgotamento sanitário, água encanada e tratada, telefonia pública. As atividades econômicas giram em torno do extrativismo da piaçava, e da pequena produção agrícola e de alguns trabalhos pontuais, como a venda de dia de trabalho ou biscates na cerâmica Poty ou Eternit, em Simões Filho.

O acesso a Dandá é possível chegando a Simões Filho pela BR 324 e depois seguindo pela BA 093, que liga Simões Filho a Camaçari, até a entrada da comunidade. Dois rios cortam a área: Joanes e Brejo do Curral Falso.

Rio Joanes

O rio Joanes passa ao fundo das casas da comunidade, e o proprietário de uma área adjacente à casa de farinha comunitária, conhecido como Luizão, está construindo uma

cerca que retira aos quilombolas o acesso a esse rio.

Casa de Dona Francisca e ao fundo cerca levantada por Luizão

A escolarização das crianças e jovens é realizada pela escola de primeiro grau menor (1ª a 4ª séries), Nossa Senhora do Carmo, situada na comunidade. Muitas crianças de Dandá complementam as atividades educativas na escola ecológica da Fundação Terra Mirim, onde fazem aula de capoeira, dança afro, ecologia e artes. Sandra, uma das coordenadoras do coletivo de mulheres, trabalha nessa escola. O primeiro grau maior e o segundo grau são cursados em Palmares, ou na sede do município. A prefeitura disponibiliza transporte escolar para os estudantes da comunidade. A população adulta é, em grande parte, analfabeta.

Aula de Capoeira na Escola Ecológica da Fundação Terra Mirim

5. Histórico da Ocupação

OCUPAÇÃO, CONFLITO E RESISTÊNCIA NO TERRITÓRIO

O território Dandá abrange as antigas fazendas Coqueiros e Mata Grossa. A fazenda Coqueiros outrora se chamava Camboatá, o nome de um peixe de água doce, e

possuía dimensões muito maiores que apresenta hoje. Estendia-se desde Pitanga de Palmares², até onde hoje passa a BR 324. A fazenda abrigava pequenos povoados negros, distribuídos por toda a extensão da fazenda. Os integrantes da família matriz que permaneceram no território são descendentes de Joana dos Santos e Samuel Lopes dos Santos.

“Joana já tava plantada lá com o marido dela” antes aquela fazenda chamava Camboatá”,

(Dona Pina, irmã de Joana)

“Joana deixou a semente no Dandá, lá vai, lá vai e a semente foi chegando, Joana ficou e eles ficaram plantados ali. A família foi crescendo, Eu vi Dandá crescer. Ali onde eles estão plantados, quem é que vai tirar essa semente daí? Essa semente tá enraizada.”

(Seu Manuel, irmão de Joana)

O grupo apontou como proprietário mais antigo o Sr. Cazuza e como seus herdeiros e as senhoras Hilda, Lindinha e Corinta. Relatos de integrantes da comunidade resgatam a memória da opressão sofrida:

“Na época era uns cativoiro danado, o finado Cazuza amarrava o pessoal com a corrente no pé e botava para trabalhar” **Dona Pina**

“...Nessa fazenda antigamente, os preguiçosos tinham o açoite, eram amarrados na

² Pitanga dos Palmares foi certificada pela Fundação Palmares como comunidade remanescente de quilombo, onde Marta uma das filhas da família matriz de Dandá reside atualmente.

jaqueira e na mangueira". Alagoa

Mangueira

Jaqueira da Mata Grossa

As árvores e os pomares familiares são provas incontestes da posse efetiva que a comunidade mantém sobre as terras do povoado e evidenciam a ancianidade de sua ocupação mais que centenária. Após uma situação de conflito vivenciada, Dona Valéria explicitou essa consciência:

"... nesse dia que veio a polícia, Renilda disse que só tinha dois anos que a gente tava aqui, olha, vê se esse pé de árvore tem dois anos, foi plantado por mim e pelo pai de meus filhos..."

Devido às diversas ações predatórias de devastação do meio ambiente promovidas desde a época da colonização com a implantação da cana-de-açúcar pelos senhores de fazendas, posteriormente com a sua substituição pela cultura de subsistência pastagem, e atividades carvoeiras as espécies florestais encontradas hoje no território não atingem uma altura superior a 10 metros .

Erosão

O ciclo da cana de açúcar acarretou um severo desmatamento nas áreas férteis do litoral nordestino, uma vez que as florestas eram abertas para o cultivo e para a produção de lenha a ser usada como combustível nos engenhos. Mesmo após abolição da escravidão a condição dos trabalhadores nos canaviais permaneceu uma das piores do país (Young,2005).

Segundo o relato da comunidade, no tempo em que Joana e Samuel trabalhavam na carvoaria da fazenda, os trabalhadores eram obrigados a comprar o carvão do proprietário. Apesar de não ter existido um vínculo empregatício propriamente dito entre os quilombolas e o dito, sempre que precisa de um serviço o proprietário da Fazenda Coqueiros solicitava aos quilombolas e exigia que os mesmos produzissem carvão para lhe vender, além de exigir a “meia” da produção da roças.

“ O carvão era deles, eles exigiam que agente fazia carvão, éramos empregados dele, não podia vender pra outro e não tinha outro serviço”

Galdino Lopes - Quilombola de Dandá.: “

Vestígios de antiga carvoaria

O povoado de Palmares também integrava o território, que apresentava uma ocupação mais contínua, e a comunidade realizava a extração da piaçava do outro lado da rodovia, A estrada de asfalto foi construída em 1958. *“A gente nasceu e se criou aqui mesmo. Na época não tinha pista, era mata. Só tinha mesmo caminho de boiada, vinha de Pirajá ”* **Dona Valéria**

Na divisão da propriedade entre os herdeiros do Sr. Cazuza, a área onde está localizada a comunidade de Dandá foi repassada para Hilda. A comunidade permaneceu numa parte da Fazenda Coqueiros em virtude da resistência estabeleceu com o plantio das roças, com a extração de piaçava e das pequenas criações.

A fazenda foi fracionada passando por sucessivas transações de compra e venda e à medida que uma parcela ia sendo vendida, os moradores se deslocavam para a área atualmente reconhecida como Dandá e, assim, a comunidade foi se consolidando, estabelecendo roças, extraindo piaçava e fortalecendo as relações entre si e com a terra,

num processo gradativo de consolidação do território. Os antigos proprietários não exerciam nenhuma atividade produtiva na fazenda, onde a comunidade praticava a extração da piaçava e plantações de subsistência. Com o desmembramento da fazenda entre os herdeiros começaram a surgir os conflitos e os quilombolas passaram a reivindicar seus direitos pela terra.

O conflito com a proprietária da Fazenda Coqueiros, Hilda Teixeira Barbosa, teve início após o falecimento do seu esposo, padrinho de alguns dos filhos de Samuel e Joana, casal fundador da comunidade Dandá.

A condição de agregado submeteu historicamente os integrantes da comunidade a uma relação de servidão e exploração que não era formalizada e nem tampouco reconhecida como trabalho. Essa camuflagem tem a intenção de promover o sentimento de dívida no imaginário dos trabalhadores a fim de dispor de mão de obra objetivamente escrava sem que essa condição seja explicitamente compreendida, dificultando dessa maneira a resistência insurgente e conseqüente construção da autonomia da comunidade.

Etienne de la Boétie, em seu *Discurso da Servidão Voluntária*, postula que a primeira razão pela qual os homens servem voluntariamente é o costume, os homens nascidos, educados e criados na servidão contentam-se em viver como nasceram, como podemos inferir do discurso do quilombola Raimundo Moreno, de Dandá:

“o problema do quilombola é ser acomodado, prefere ganhar pelo serviço feito para fora, do que trabalhar no coletivo, estão acostumados a trabalhar como escravo.”

O conflito se intensificou quando os proprietários impediram o acesso às áreas de trabalho e ameaçaram derrubar as casas de moradia dos quilombolas, numa tentativa de expulsar as famílias que ali nasceram e que trabalhavam a terra há muitas gerações. As ameaças se concretizaram e a comunidade viu suas áreas serem loteadas e a presença da Justiça para derrubar suas casas.

Como as ameaças e derrubadas das roças não bastaram para que a fazendeira conseguisse expulsar as famílias, a área foi passada em 1987 para a loteadora LANCE Empreendimentos Imobiliários LTDA, que passou a vender as áreas tradicionalmente ocupada pela comunidade em pequenos lotes denominando a empreendimento de Sítios

do vale do Rio Pitanga, desrespeitando os posseiros quilombolas aqui lá viviam.

... chegaram e falaram para tirar as coisas da casa que eles iam derrubar. Eu não tiro não, se vocês quiserem derrubar derruba, Eu não sou ladrona, nasci e me criei aqui..." **Dona Valéria**

"No dia que a polícia chegou parecia que vinha polícia do mundo todo aqui, eu não roubei, não matei. Pego os meus filhos e fico dentro de casa, quero ver eles derrubar, se quiser derrubar é comigo dentro." **Dona Francisca**

Após esse período, a sustentação da comunidade na área se tornou precária, as famílias foram empurradas para a beira da estrada, a produção agrícola e as criações diminuíram e em alguns casos foram totalmente destruídas. Diante da dificuldade em permanecer, muitos quilombolas foram morar em povoados próximos de Dandá, como Palmares (área que já pertenceu a faz. Coqueiros) e Simões Filho.

A LANCE não pagou a Sra. Renilda Teixeira (filha e representante legal de Hilda) pelos lotes vendidos e a mesma passou a reivindicar o domínio do imóvel através de Ação de Reintegração de Posse nº. 4977/95, impetrada no juízo de Simões Filho, atingindo a comunidade quilombola e os compradores dos lotes. A Juíza da Vara Cível de Simões Filho julgou procedente a Ação e liminarmente expediu o mandado de Reintegração de Posse contra a comunidade negra rural, em total desrespeito aos artigos 927 e 928 do CPC, bem como ao princípio constitucional do contraditório e da ampla defesa, ignorando que a comunidade ocupa tradicionalmente o território de forma pacífica há várias gerações.

A comunidade Quilombola de Dandá se aliou com alguns dos compradores dos lotes e ou juntos se organizaram para enfrentar o conflito via Associações de Trabalhadores Rurais de Simões Filhos (ATRUSF) com a assessoria da CJP, na tentativa de comprovar a posse das terras. Devido à lentidão dos procedimentos judiciais, a comunidade escolheu se inserir em outra via que tivesse maior impacto político para resolver as questões e se articulou ao Movimento de Trabalhadores(as) Assentados(as) e Acampados CETA Regional Recôncavo, que luta pela terra no âmbito processo de Reforma Agrária.

Com a visibilidade da questão das terras de quilombo promovida pela recente

regulamentação do art.68, a comunidade de Dandá requereu à Fundação Cultural Palmares o seu reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo, o que se concretizou em 2004, passando então a lutar pela delimitação e titulação do seu território.

Organização social

As comunidades negras rurais remanescentes de quilombos são coletividades que construíram sua história baseada numa cultura própria, que foi transmitida e adaptada a cada geração. Desde sua origem os quilombos não foram compostos somente por escravos negros, eram formados também por índios mestiços e brancos fugitivos da lei. A identidade étnica se deu pelo reconhecimento de uma origem comum, e pelo sentimento de pertencimento ao grupo” (TRECANNI,2006 pg:)

Crítérios de Pertencimento Territorial

A teoria antropológica, desde o pioneiro Franz Boas até Fredrik Barth , reconhece a construção das identidades sociais e étnicas como um processo fundamentalmente contrastivo, isto é, no qual a identidade é constituída – e só pode ser entendida – a partir da oposição com outros agentes sociais. Assim, observar as marcas referenciais da identidade étnica quilombola passa também por observar as fronteiras étnicas e sociais e as relações com a sociedade inclusiva, como bem demonstra Alfredo Wagner:

....as fronteiras étnicas configuram o que hoje se designa quilombo , e que foram erguidas pelos próprios quilombolas neste esforço de delimitar seu território face aos antagonistas tradicionais detentores de imensos domínios territoriais e de poder político. (ALMEIDA, 1998)

As marcas referenciais da identidade étnica do grupo e os critérios de pertencimento não são baseados no fenótipo, nem em evidências de uma suposta ocupação imemorial do território, mas definidos pela consonância das práticas de seus integrantes. Os proprietários que plantam cana de açúcar e os pecuaristas que deixam o gado pastar nas roças de cultivo da comunidade trabalham numa lógica de produtividade diametralmente oposta à lógica de produção dos integrantes da comunidade Dandá que

realizam o extrativismo da piaçava.

Segundo definição da antropóloga Eliane Cantarino O'Dwyer:, o termo quilombos:

não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar.”(O'DWYER, 1995).

Na comunidade Dandá, o Sr. Dendê, vigia da escola, que casou-se com Enedina pertencente à família matriz, é aceito pela comunidade como quilombola embora seja branco de olhos claros. João Pacheco de Oliveira fundamenta a definição das fronteiras:

Em suma, as comunidades remanescentes de quilombos não podem ser definidas em termos biológicos ou raciais, mas como criações sociais que se assentam na posse e usufruto em comum de um dado território e na preservação e reelaboração de um patrimônio cultural de identidade própria” (OLIVEIRA,1995).

Verifica-se que além dos laços de parentesco, considera-se membro da comunidade quem trabalha junto e participa das reuniões e os critérios de pertença mais referidos pelos informantes foram a “boa” convivência e a união. Dona Chica ressaltou a “necessidade” como um critério muito importante: *“quando precisa, quando precisa você me arruma um pedaço e a gente trabalha junto.”* O casamento com integrantes da família matriz foi outro foi outra via de acesso ao grupo reportada. Segundo Dona Valéria, *“Os que são de fora, se casou com família daqui tem de ficar é aqui mesmo”.*

Ainda que não seja muito bem visto pelos integrantes da comunidade, o casamento entre primos é comum em Dandá. Rosimeire, filha de Valéria, casou-se com Genivaldo, filho de Chica; Roberval, filho de Francisca, casou-se com Elizabeth, filha de Valéria. Primos da família matriz também ocupam o território como é o caso da família nuclear de Dona Gertrudes.

Seu Pedro

Cipriano Camilo Rodrigues (“Pedro”) – passou a fazer parte da comunidade há três anos, convidado por “Pé de Cana”. Pedro é viúvo de Maria de Lourdes Alves Xavier que não era da comunidade. Pedro veio de fora, conheceu Lourdes em Dandá, ela morava na fazenda; ele tem roça em Dandá há três anos, antes morava em um lote na fazenda de Renilda.

RELAÇÃO DE TITULARES DOS NÚCLEOS FAMILIARES DA COMUNIDADE DE
DANDÁ – SIMÕES FILHO/BAHIA

Nº Qu est.	Nome do Titular	Sexo	Local de moradia	Atividade Principal	Nº ind. na família	
					Fem	Masc
01	Rosália Lopes dos Santos	Fem.	Quilomb	Doméstica	03	01
02	Francisca dos Santos Lopes	Fem.	Quilomb	Agricultura	04	04
03	Lucilene Santos	Fem.	Quilomb	Doméstica	05	07
04	Márcia Regina da Silva	Fem.	Quilomb	Agricultura	04	02
05	José Ferreira de Santana	Masc.	Quilomb	Cerâmica	06	02
06	Enedina Lopes da Conceição	Fem.	Quilomb	Agricultura	04	02
07	Ana Paula Maura dos Santos	Fem	Quilomb	Escola/Aux	01	02
08	Valéria dos Santos	Fem.	Quilomb	Agricultura	06	06
09	Elisabete dos Santos Marques	Fem.	Quilomb	Diarista	01	02
10	Rosemeire dos Santos Marques	Fem	Quilomb	Jardineiro	01	02
11	Valmira dos Santos Marques	Fem.	Quilomb	Doméstica	04	03
12	Jurandir dos Santos Lopes	Fem.	Quilomb	Agricultura	07	05
13	José Rodrigues da Silva	Masc	Quilomb	Agricultura	01	02
14	Clarice Maria Santana de Oliveira	Fem.	Quilomb	Agricultura	03	02
15	Galdino Lopes	Masc	Quilomb	Agricultura	03	06
16	Irênio Rocha dos Santos	Masc	Quilomb	Agricultura	01	03
17	Gilmara Lopes Simões	Fem.	Quilomb	Agricultura	02	02
18	José dos Santos	Masc	Quilomb	Agricultura	03	01
19	Domingos dos Santos Lopes	Masc	Quilomb	Agricultura	03	01
20	Maria José Santos Santana	Fem.	Quilomb	Doméstica	02	02
21	Robertina Lopes dos Santos	Fem.	Quilomb	Doméstica	03	02
22	Jorge de Jesus	Masc	Quilomb	Butiquim		03
23	Antenor Assunção de Oliveira Filho	Masc	S. Filho	Prefeitura	02	02
24	Nilton Santos Silva	Masc	S. Filho	Pedreiro	01	01
25	Agnelo Rodrigues dos Santos	Masc	Quilomb	Agricultura	02	04
26	Raimundo Moreno dos Santos	Masc	Quilomb	Agricultura	04	02
27	Juvêncio Lopes	Masc	Quilomb	Agricultura	01	03
28	Cipriano Camilo Rodrigues	Masc	Crato	Agricultura		02
29	Jose Almeida Silva	Masc	S. Filho	Motorista	03	02
30	Claudemiro Lopes dos Santos	Masc	Quilomb	Bar	02	01
TOTAL DE INDIVÍDUOS					82	79

Os grupos familiares referidos como mais velhos (que deram origem à comunidade Dandá) foram a família do Sr. Pedro Fabrício e Zefinha; a família de Dona M^a Odília; a família de Eroltides e Pedro e a família de Crispim e Emilia, dos quais descendem a maioria das pessoas que hoje compõem a comunidade de Dandá.

Do casamento de Sr^a Zefinha com Pedro Fabrício nasceram os filhos Manuel, Crispina, Damiana, João Inácio, Luísa e Miro. Após o falecimento de Pedro, Dona Zefinha casou-se com Sr. Pulú. Desse casamento nasceram Joana, Gloria, Gregório. Dona M^a Odília era a mãe de Samuel, Martins e Manoel, entre outros. Desses dois núcleos familiares ramificaram a maioria das famílias que hoje permanecem na comunidade.

Samuel Lopes dos Santos casou-se com Joana; Martins, irmão de Samuel casou-se com Glória, irmã de Joana, e Manoel casou-se com Terência. Os registros antigos (anexo documentos) trazem elementos que reafirmam os laços de consangüinidade e a relação com o território de Dandá desde o nascimento, assim como afirma a comunidade, que tanto eles como seus pais nasceram na localidade. No diagrama em anexo exemplificamos a ancestralidade comum e o vínculo com a terra desde o nascimento que existe na comunidade de Dandá, quando traçamos a árvore genealógica da família matriz da comunidade.

A população de Dandá tende a aumentar com o retorno de muitos que saíram no período do conflito e que já retomaram às áreas de roças, a exemplo de Galdino, Bananeira, Domingos e Martinha filhos de Joana e Samuel, e demonstraram interesse explícito de retornar e fixar residência na comunidade. Os filhos de outros integrantes da

comunidade encontram-se hoje em São Paulo, Salvador e Camaçari.

Área em que Bananeira trabalha

Gênero e Territorialidade

*Pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer,
participando sem medo de ser mulher...”³*

No território Dandá as mulheres têm um papel fundamental no processo de resistência, as filhas de Joana e Samuel resistiram e permaneceram na comunidade enquanto os filhos saíram, e formaram núcleos familiares fora da comunidade. Os maridos que se agregaram à comunidade a partir do casamento afirmam sempre seu pertencimento ao território relacionado ao vínculo com a esposa: *Ela é que é filha daqui, eu não*. A partir do discurso do Sr. Berto, marido de Francisca pode-se inferir uma hierarquia de prestígio que favorece as “filhas da terra” no que tange a apropriação do território.

Paradoxalmente, na reunião em que foi criado o coletivo de mulheres da comunidade, Andréa, a agrônoma da CJP que acompanha os trabalhos comentou sobre a falta de participação das mulheres nas reuniões: *“por mais que a gente falasse que era importante, os companheiros não chamavam as mulheres”*. Andréa relatou também que a partir do momento em que a comunidade se auto-identificou como quilombola, a participação das mulheres cresceu, porque a criminalização dos Movimentos Sociais veiculada pela mídia, as afastava da luta pela terra.

O machado é uma ferramenta mais usada pelos homens que têm mais força para tirar os tocos, tirar a piaçava é uma atividade predominante masculina embora algumas mulheres o façam, a maioria se dedica a limpar a piaçava. Os trabalhos agrícola e extrativista apresentam resultado monetário, enquanto o trabalho doméstico realizado quase exclusivamente pelas mulheres não é valorizado, mal é visto como trabalho. As mulheres realizam quase as mesmas tarefas que os homens, como pegar lenha, trabalhar na roça, ajudar na construção e, além disso, cuidam sozinhas dos filhos e das tarefas domésticas.

*“ Que marido que faz? Marido quer é encontrar pronto... Eu mesma nunca
encontrei marido que fizesse para mim...”*

Dona Chica

³ Refrão da música entoada pelo coletivo de Mulheres da comunidade Dandá

É importante atentar para a sutileza das relações de gênero nas comunidades quilombolas: Na esfera pública, o homem é o chefe da autoridade familiar ou comunitária, mas no conjunto de atividades muitas vezes cabe as mulheres o exercício efetivo da chefia.

A configuração espacial das moradias na comunidade propicia o fortalecimento do núcleo familiar. De um modo geral, após o casamento os filhos passam a residir em casas localizadas no interior do sítio de sua família de origem. Assim ocorre no grupo familiar de Dona Francisca. Dos seus dez filhos, nove erigiram casas em terreno contíguo à da mãe e uma das filhas, já casada e com um filho, ainda permanece provisoriamente residindo com ela. A própria fala de Dona Francisca é reveladora dessa prática *“Onde tá a galinha tá os pintos.”*

Valéria tem quinze filhos, sete moram no sítio dela, em casas distintas. Cinco são solteiros e ainda moram com ela na mesma casa (um deles, Nego, tem um filho que não mora com ele). Dois filhos residem na comunidade, mas fora do sítio de Valéria. Uma filha reside em Simões Filho, casada com homem originário de lá. Seus filhos, noras, genros e netos plantam na mesma roça. : As redes sociais familiares são comentadas por Louis Marcellin no texto *“A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano”*:

“A figura da mãe localiza-se em geral, na junção da casa e das redes de parentesco que se constroem em torno dela. Ela é a memória da casa, o laço entre herança familiar do passado e as redes familiares do presente” é pela mãe que o parentesco entra no mundo, se a família entrou no mundo pela mãe não é surpreendente que sociedade que se crie passe pelo mesmo mecanismo.”

7. AMBIENTE E PRODUÇÃO

a gente tem muita roça pra produzir, o problema é o medo e as ameaças”

A agricultura familiar nordestina é caracterizada pela combinação dos cultivos de subsistência com a criação de animais que se contrasta ao modelo predominante, grandes latifúndios de monocultura para exportação, herança da colonização. O latifúndio principalmente da cana de açúcar esgotou as terras da Zona da Mata nordestina e foi o maior responsável pela destruição da Mata Atlântica da região do Recôncavo.

Na comunidade os grupos familiares trabalham em suas roças no fundo da área, mulheres e jovens também participam das atividades agrícolas e extrativistas. Eventualmente percebe-se uma relação de reciprocidade entre os indivíduos que estão mais dedicados a produção, vivendo afastadas da rodovia, que doam alimentos colhidos a seus companheiros que estão mais entretidos com os movimentos sociais e manifestações na cidade.

A produção alimentar local não é suficiente para assegurar a sustentabilidade do grupo. A comunidade faz feira na cidade de Simões Filho ou em Camaçari. Foi realizada uma reunião na comunidade Dandá com a CJP (Comissão de Justiça e Paz) e o CETA, em que conversaram sobre o trabalho coletivo, pelo qual a grande maioria da comunidade apresentou interesse. A partir de então, passaram a ser realizados mutirões na roça coletiva todos os sábados e nas manhãs das sextas-feiras.

Na época dos conflitos não era permitido plantar em Dandá. A associação iniciou uma política de distribuição de cestas básicas, condicionando, porém, o recebimento à participação de pelo menos um membro da família no trabalho desenvolvido pelo Coletivo de Mulheres ou na roça comunitária. A distribuição das cestas básicas é uma medida paliativa que não estimula o desenvolvimento de práticas com vistas à autonomia do grupo. Na perspectiva da sustentabilidade econômica e da auto suficiência alimentar da comunidade melhor seria recompensar o trabalho coletivo com a distribuição de sementes ou ferramentas, uma vez que o plantio já é realizado pelas famílias.

Alfredo Wagner caracteriza terras de uso comum como:

“situações nas quais o controle dos recursos básicos não é exercido livre ou individualmente por um determinado grupo doméstico de pequenos produtores ou por um de seus membros. Tal controle se dá através de normas específicas instituídas para além do código legal vigente e acatadas de maneira consensual pelos vários grupos familiares que compõe a unidade social”

Paul Little demonstra que as formas de uso comum da terra são processos sociais antagônicos ao próprio desenvolvimento do capitalismo, e que nesse sentido os quilombos constituem territorialidades específicas, que historicamente resistiram e se contrapuseram ao modelo agrário do monocultivo de exportação :

Os quilombos que surgiram a partir da fuga das *plantations* e engenhos representam outro caso de etnogênese cuja consolidação como grupo social se deu com o estabelecimento de territórios autônomos no interior da Colônia (op.cit.:)

Nessa perspectiva, o autor Abdias do Nascimento comenta a metáfora de resistência às estruturas de dominação política quando se refere á experiência quilombola como movimento social de resistência física e cultural da população negra e propõe que o quilombismo, seja adotado como um projeto de revolução não violenta dos negros brasileiros marcada pela recuperação do comunitarismo da tradição africana com vistas à realização completa do ser humano e a propriedade coletiva de todos os meios de produção:

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre de solidariedade, convivência, comunhão existencial
(Nascimento, 1980:263; in Arruti,2003)

As lógicas de ocupação e de produção do *campesinato parcelar*, público alvo dos projetos de Reforma Agrária são bastante distintas dos grupos camponeses de uso comum da terra (LITTLE, 2002). Conforme prevê o artigo 17º do decreto 4887/2003, *A titulação será reconhecida mediante outorga do título coletivo*. Os quilombos são, portanto, territórios coletivos, o que tende a favorecer a disposição da comunidade para trabalhar em mutirão

Os integrantes da comunidade estabelecem diferenciação entre as atividades de plantio na roça e de extrativismo da mata: a roça é para produzir, plantar milho,

mandioca, feijão, pomares de frutas. A mata é utilizada para coletar piaçava e plantas medicinais. É um espaço privilegiado de revitalização de práticas tradicionais. Da mata retiram o dendê, a lenha e as ervas. *“Minha filha tinha alergia à picada de carrapato, mas a mãe dela é do mato, ela tem que se acostumar dentro do mato”*, afirma Dona Maria Francisca, habilidosa curandeira, conhecedora das propriedades medicinais das ervas, a exemplo do **olho de arará mirim e bulantina**, utilizados para desinteria, **artemísia e mãe boa** para cólica, o **quioiô** para pressão alta e diabetes, a **carobinha** para alergia na pele e o **mastruz** que é vermífugo.

Práticas sustentáveis sempre foram e continuam sendo desenvolvidos por muitos povos indígenas, quilombolas ou populações autóctones em todo o mundo, cujos princípios estão intrinsecamente arraigados às culturas milenares que foram se adaptando ao meio e este se moldando à ação humana.

A comunidade depende diretamente dos recursos naturais para a sua sobrevivência e, assim, desenvolveu historicamente formas próprias de organização social, costumes, crenças e tradições bem como de relações com o ambiente, que viabilizaram uma convivência harmônica com o ecossistema.. Entretanto, a exploração madeireira e as atividades pecuária, canavieira e carvoeira acarretaram a destruição de grande parte da vegetação nativa, predominando, hoje, áreas espaçadas de capoeiras. A redução da mata tem, por exemplo, impossibilitado que a comunidade encontre em seu próprio território a piaçava. Desse modo, acaba por recorrer a áreas externas para as atividades extrativistas.

A comunidade Dandá depende economicamente da mata para a extração da palmeira conhecida por piaçava ou pindova. É uma espécie nativa com incidência em todo o território. O nome popular piaçava é de origem tupi, traduzido como “planta fibrosa” com a qual se confecciona utensílios caseiros. Valéria e os filhos tiram cerca de duas arrobas por semana. Uma arroba corresponde a 15 kg de piaçava, vendidos semanalmente *in loco* por um preço que varia de 18 a 20 reais a uma senhora residente em Pojuca.

Calendário de Festas

MÊS	FESTA	PLANTA	COLHE
Janeiro	Ano Novo	Caju no primeiro dia do ano	
Fevereiro	Carnaval		
Março	São José 19	Milho Feijão Amendoim	
Abril	Semana Santa Sábado de Aleluia começa o samba		Dendê, Castanha do Caju
Maio			
Junho	São João 24 Santo Antonio 13 São Pedro 29		Milho Feijão Amendoim
Julho			
Agosto	Devoção a Omolu.	Quiabo	
Setembro	Cosme Damião 27 samba em Valéria		Quiabo
Outubro	Dona Pina faz caruru e samba para Cosme e Damião no segundo sábado		
Novembro			
Dezembro	13 Festa de Santa Luzia Samba em Francisca Santa Bárbara.		

O calendário agrícola é baseado nos ciclos lunares e nas estações e pontuado pelo calendário de festas da comunidade e da região:

O milho e o amendoim são plantados no dia de São José, 19 de março, para serem colhidos para as festas juninas, iniciadas em 13 de junho com o Santo Antônio:

“ milho e feijão planta no dia de São José e aí no São João tá maduro”

Dona Valéria

O quiabo, ingrediente básico do caruru, se planta para ser colhido em setembro, mês da festa de Cosme e Damião. Se plantar na lua minguante colhe mais rápido, se plantar na

lua cheia colhe maior quantidade. O caruru é um alimento muito característico da culinária afro-brasileira e está freqüentemente relacionado às festividades religiosas. O dendê e o caju sempre são colhidos antes da Semana Santa. O Sábado de Páscoa, após o período de quaresma, abre o ano no candomblé: “a festa é arroxada.... na semana Santa tem que ter castanha de caju pra fazer vatapá”, afirma Dona Francisca. Dona Pina, tia de Francisca e irmã de Joana, todos os anos faz caruru e samba para Cosme e Damião no segundo sábado de outubro:

*Samba e candomblé é a mesma coisa, é samba até 7 horas da manhã...
Meu pai era sambador, era dois dias de caruru, era gente direto, gente de todo canto, São Cosme, Crispim, São Pedro... Eu só deixo de fazer quando eu viajar, quando morrer, faço saia para a neta dançar, cada qual sai de sua vez... Os pequenos caem no samba, não deixam os adultos sambar, eles abrem o samba, eles não dormem não, Quando eu me alcancei eu já tava no caruru, no meio do samba, a gente nasceu no caruru.*

O samba de roda, cantado e dançado nas festas da comunidade, geralmente homenageia um santo da Igreja Católica que encontra seu correspondente no panteão de divindades do candomblé, religião afro brasileira, que chegou à região de Camaçari primeiramente trazida por escravos de língua Kibundu, originários de Angola e Congo. Francisca faz samba em dezembro para Santa Bárbara, sincretizada como Iansã ou Oyá Matamba no panteão afro brasileiro.

O culto de Candomblé exige o contato com a natureza, onde são feitos os assentamentos das divindades. A sua destruição implicaria na destruição dos orixás ou “inquices”. A relativa distância entre os terreiros e os centros urbanos se deve à necessidade da existência de matas e rios para a realização dos despachos e para a coleta das plantas e ervas utilizadas nos banhos de “purificação”.

O local tradicionalmente utilizado em Dandá para a realização dos festejos de Candomblé foi recentemente adquirido por uma senhora de prenome Rita. Nessa área a vegetação está preservada e existe um riacho nas proximidades da casa-sede que comporta um enorme salão onde eram realizadas as cerimônias do pai de santo Velho Paulo: “O terreiro que tinha é do velho Paulo, veio de Salvador, igual cigano, e foi para Ilha de Maré, era

festa até 11 da manhã".(Dona Chica.)

Muitos conhecimentos ancestrais sobre a natureza e a história da comunidade são transmitidas por meio da oralidade e da musicalidade presentes nas letras do samba de roda. Dona Francisca cantou alguns sambas da comunidade que trazem referências à memória da exploração canavieira:

*“Bota o fogo da cana, Canavial
Quero ver laborar, Canavial
Olha a cana madura, pra fazer rapadura”*

A mandioca, plantada o ano todo, é um produto fundamental em Dandá. Dela é extraída a goma para fazer o beijú e a farinha que é uma das bases da alimentação do grupo e um ingrediente do vatapá, principal acompanhamento do caruru. A permanência do cultivo da mandioca e sua incorporação à vida da comunidade é assim justificada pelo Sr. Manuel:

“O patrão dizia que a gente não tinha importância, não podia plantar nada, só mandioca mesmo, porque também era só espalhar as manivas. E ninguém podia dizer nada, porque não tinha para onde correr, a voz era de quem tinha o berro mais grosso.”

Um dos lotes da antiga fazenda Coqueiros, vendido a um homem conhecido como “Luizão”, é limítrofe a diversos sítios de famílias extensas de Dandá, e vem se constituindo em um entrave tanto à ampliação desses sítios, que, quando dos casamentos dos filhos, deverão comportar as novas moradias, consoante a lógica tradicional de ocupação em Dandá, quanto ao acesso dos moradores à casa de farinha comunitária, fundamental para a manutenção das bases tradicionais de subsistência do grupo.

Trabalho na Casa de Farinha

A lógica produtiva dos quilombolas de Dandá é baseada na produção familiar de gêneros alimentícios de subsistência e nas atividades extrativistas, práticas antagônicas à criação de gado e às monoculturas que empobrecem o solo e atraem pragas e às atividades madeireiras que exterminam as pindombeiras.

Diante desse panorama torna-se evidente a urgência em realizar a demarcação do território quilombola para que seus integrantes possam desenvolver sua autonomia produtiva e cultural com segurança e liberdade.

8. TERRITÓRIO REIVINDICADO

A Comunidade de remanescentes de Quilombo de Dandá apresenta uma relação com o ambiente que viabilizou ao longo das gerações sua reprodução física e cultural.

O território reivindicado pela comunidade de Remanescentes de Quilombo de Dandá corresponde à área das fazendas Coqueiro, Registrada no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Candeias, às fl 119 do Livro 3 em 03 de janeiro de 1970 e a parte da área da Fazenda Mata Grossa, Registrada na mesma Comarca, Livro 2 sob Matrícula 797. Ambas as fazendas eram anteriormente designadas “Fazenda Coqueiro” e perfaziam, um total de 347,6840 ha (trezentos e quarenta e sete hectares, sessenta e oito ares e quarenta centiares).

FUNDAMENTOS PARA DEFINIÇÃO DO TERRITÓRIO

Todo o processo para a delimitação do território da comunidade supracitada tomou como base as informações prestadas por seus integrantes e as observações colhidas pela equipe técnica durante as visitas a campo, com intuito de identificar, reconhecer e delimitar as áreas apontadas como de influência social, cultural e econômica para a mesma. Para identificar o território da comunidade de Dandá foram tomadas em consideração as áreas por ela tradicionalmente utilizadas e estimada a área necessária à sua reprodução física e cultural. O território identificado é produto da conjugação de fatores históricos, jurídicos, da base demográfica e da reprodução social do grupo (crescimento das famílias e retorno dos que foram expulsos pelos conflitos), da expansão das atividades econômicas e das suas bases (agricultura, criação, e também do extrativismo da piaçava) e da caracterização das atividades culturais (espaços religiosos e de lazer).

A área materializada como território daquelas comunidades está inserida no

contexto dos requisitos previstos na definição do art. 4º da Instrução Normativa / INCRA / nº 20 / 2005.

“Art.4º - Consideram-se terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos toda terra utilizada para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural, bem como as áreas detentoras de recursos ambientais necessários à preservação dos seus costumes, tradições, cultura e lazer, englobando os espaços de moradia e, inclusive, os espaços destinados aos cultos religiosos e os sítios que contenham reminiscências históricas dos antigos quilombos.”

O território na perspectiva da Geografia Humana é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia ou informação e que por conseqüência revela relações marcadas pelo poder. Território é o campo operatório da ação social, exprime a relação que um grupo tem ou teve com uma porção de espaço. As sociedades organizam o campo operatório de sua ação e assim delimitam o território. (RAFFESTIN, 1993)

Consoante Leite, o conceito de **território** no âmbito da antropologia refere-se a

um espaço vivido de amplas significações para a existência de um grupo de parentes próximos e distantes que se reconhecem como um todo por terem vivido ali por varias gerações e por terem feito desse espaço um lugar com um nome com uma forte referência no imaginário do grupo,compondo as noções de pertencimento, trata-se de um espaço conquistado pela permanência e pela convivência (LEITE,2005:).

A delimitação do território de Dandá deve garantir as bases tradicionais de subsistência e de reprodução social do grupo, a partir de definições do que ele é no presente, e do que ele necessita para permanecer sendo o que é, ou seja, o território deve ser suficiente para atender aos requisitos de sustentabilidade e da manutenção das relações da comunidade com os recursos naturais disponíveis. Como sustenta Almeida, é *“a ocupação permanente de terras e suas formas intrínsecas de uso caracterizam o sentido peculiar de tradicional” (ALMEIDA,2006:).*

Paul Little debruçando-se sobre a questão dos povos e territórios tradicionais no Brasil, define a territorialidade como:

o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território” (...). (2002:)

O território reivindicado pela comunidade de Remanescentes de Quilombo de Dandá corresponde à área das fazendas Coqueiro, Registrada no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Candeias, às fl 119 do Livro 3 em 03 de janeiro de 1970 e a parte da área da Fazenda Mata Grossa, Registrada na mesma Comarca, Livro 2 sob Matrícula 797. Ambas as fazendas eram anteriormente designadas “Fazenda Coqueiro” e perfaziam, um total de 347,6840 ha (trezentos e quarenta e sete hectares, sessenta e oito ares e quarenta centiares).

Descrição do território

Plano espacial do povoado

O território apresenta formato bastante recortado, delimitado de um lado pela rodovia estadual BA 093, onde as casas estão dispostas configurando a entrada da comunidade Dandá. O povoado é composto por sítios de famílias ampliadas que se organizam para trabalhar em suas respectivas roças, orientados pela lógica da ocupação do espaço estabelecida pelos laços de parentesco.

O rio Joanes passa pelo fundo das casas do povoado. Existe um olho d'água no quintal da casa de Dona Francisca e Sr. Alberto que também é um espaço de referência para toda a comunidade, onde acontecem as reuniões comunitárias e muitas festas.

A área de brejo está no fundo das casas às margens do Rio Joanes. Na época da chuva não é possível passar com os animais pela área do brejo, o acesso por automóvel ao fundo da área é possível por uma estrada de terra que parte do povoado de Palmares e entra do território a partir da Rua do Cajueiro. Esse caminho passa pelo antigo terreiro e leva a área de mata usada para a extração da piaçava e do dendê, no fundo da Fazenda Coqueiros.

Área de extrativismo

Na mesma rota, a caminho das roças, encontramos a mangueira onde antigamente os escravos eram amarrados para apanhar e os vestígios das antigas carvoarias. A jaqueira onde aconteciam as torturas está localizada na Mata Grossa, área de atividades extrativistas.

Proposta de Limites do Território Pleiteado

Em agosto de 2005, o Engenheiro Agrônomo, Everaldo dos Anjos Souza, realizou

uma demarcação preliminar que apresentava duas entradas, recortando o limite da BA 093, referentes às propriedades de Luizão e de Rita, o que implicava na delimitação de um território descontínuo. A partir da Instrução Normativa nº20 INCRA, que prevê a necessidade de um relatório antropológico para a identificação de territórios quilombolas, foi realizada uma nova pesquisa de campo, que inclui essas duas áreas as quais não estavam contempladas no relatório anterior. A proposta de limites do território passou por um processo de negociação com a comunidade. No dia 31/07 foi realizada uma reunião com a presença de Andréa, agrônoma da CJP que acompanha os trabalhos em Dandá. A primeira opção era deixar de fora as referidas áreas, a comunidade nesse momento reivindicava a abertura de um caminho na propriedade de Luizão para passar com os animais. Entretanto, após algumas conversas com a comunidade, percebemos que o mais indicado é manter a continuidade do território, para que ele não seja subitamente interrompido com proprietários que trabalham em outra lógica de produção, evitando desta maneira futuros eventuais conflitos. É importante ressaltar que devido uma relação de clientelismo estabelecida entre os integrantes da comunidade que eventualmente pediam ajuda ao proprietário Luizão, não alcançamos um consenso da comunidade referente à inclusão das áreas. A partir dos depoimentos, da observação etnográfica e de uma projeção aproximada da futura ocupação humana em Dandá, foi tomada uma decisão técnica que consiste em incluir as áreas atualmente ocupadas por Rita e Luizão no território Dandá na intenção de demarcar uma área suficiente à reprodução social do grupo em conformidade com as especificidades de seus usos, costumes e tradições.

A área onde residem atualmente José Carlos e Rita é onde aconteciam os festejos de Candomblé na comunidade, portanto uma área de importância ritual e relevância simbólica para o grupo. A área onde está Luizão é estratégica economicamente para a comunidade, por estar colada a casa de farinha, pois seria ainda aproveitada para o plantio da mandioca mais próximo ao meio de produção da farinha que já seria facilmente escoada aos mercados consumidores, pela proximidade à rodovia estadual BA 093.

9. RECOMENDAÇÕES:

É importante considerar a vocação de **autonomia** dessas comunidades no momento

de fomentar políticas paliativas, como é o caso da distribuição de cestas básicas. Elas poderiam ser substituídas por recursos que se multipliquem com o uso, a exemplo de sementes e conhecimento

. A escolarização de jovens e adultos é uma demanda da comunidade que deve ser viabilizada pelo PRONERA (Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária,) que trabalha com o público da Educação do Campo formando agentes locais multiplicadores e organizadores de atividades educativas comunitárias, e nesse caso podem trabalhar no contexto específico das comunidades quilombolas valorizando o resgate dos saberes tradicionais e da história de resistência desses grupos.

As demais políticas de desenvolvimento de comunidades quilombolas que vierem a ser implementadas em Dandá devem:

- Desenvolver programas de agroextrativismo voltado para o manejo florestal sustentável
- Viabilizar o beneficiamento da piaçava para a confecção de artesanato e de utensílios domésticos
- Atentar para o escoamento da produção, estimulando a integração com outras comunidades rurais localizadas na mesma região, através da realização de feiras conjuntas que fomentariam a economia solidária entre essas comunidades;
- Estimular um processo de discussão com a comunidade para definir critérios de uso e de ocupação das benfeitorias “liberadas” no processo de regularização do território.
- Realizar a gestão dos resíduos sólidos e saneamento ecológico desenvolvendo ações pautadas pela preocupação em proteger os mananciais e recursos hídricos que regulam o clima da região.

O grupo apresentou a demanda por outra casa de farinha localizada em área próxima às roças. No projeto se poderia discutir com a comunidade a possibilidade ser empregadas técnicas ecológicas de construção o que serviria como uma capacitação para os trabalhadores que participarem do mutirão da casa de farinha comunitária.

A comunidade tradicional deve ser encarada como uma grande parceira a se considerar em projetos que viabilizem a conservação da biodiversidade a longo prazo, e projetos de gestão ambiental participativa sobretudo referentes ao **manejo florestal sustentável da piaçava** e à gestão de resíduos sólidos, que podem ser promovidos com o apoio da Escola Ecológica Fundação Terra Mirim.

Nas áreas tropicais e mais especificamente na Mata Atlântica os Sistemas Agroflorestais⁴, são uma opção interessante para a busca da sustentabilidade na agricultura, uma vez que apresenta elementos que propiciam aliar a produção à conservação dos recursos naturais.

A Comunidade de remanescentes de Quilombo de Dandá apresenta uma relação direta com o ambiente que viabilizou ao longo das gerações sua reprodução física e cultural. O resgate cultural e do conhecimento local passado através das gerações, fruto de séculos de convívio com o ecossistema local é de extremo valor e importância para a elaboração de sistemas de produção sustentáveis baseado atitudes de coexistência e não de exploração para com a natureza.

Everaldo dos Anjos Souza
Engenheiro Agrônomo
CREA 26328-d/BA

Camila Dutervil
Antropóloga

Bibliografia

⁴ Sistemas Agroflorestais ou Agroflorestas são palavras novas para práticas antigas onde plantas lenhosas crescem com cultivos agrícolas e/ou animais na mesma unidade de área (PENNEREIRO, 1999).

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de Jamary dos Pretos Terra de Mocambeiros

Coleção Negro Cosme Volume II Projeto Vida de Negro Centro de Cultura negra do Maranhão. São Luís, 1996.

___ Terras Tradicionalmente Ocupadas. Terras de Quilombo, Terras Indígenas, babaçuais livres” castanhais do povo, faxinais e fundos de pasto. Manaus, 1998

ARRUTI, José Maurício O quilombo Conceitual Para uma Sociologia do artigo 68, 2003

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. Superintendência do Desenvolvimento do Turismo. Roteiro Ecoturístico da Bahia. Baía de Todos os Santos. Salvador : A Secretaria, 2000.

BAHIA. CAR - Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional - Programa de Desenvolvimento Sustentável - PDRS; Casa Nova - Bahia - Salvador . ___ Secretaria da Agricultura – SEAGRI, Coordenação do Desenvolvimento Agrário

BARICKMAN, Bert J. As Cores do Escravismo : escravistas “pretos”, “pardos” e “cabras” no Recôncavo Baiano, 1835 , População e Família, vol.2, nº 2, 1999

BARRETTO, FILHO HENYO. POPULAÇÕES TRADICIONAIS: INTRODUÇÃO À CRÍTICA DA ECOLOGIA POLÍTICA DE UMA NOÇÃO. Departamento de Antropologia – UnB mimeo. Brasília, 2002.

BOËTIE, Etienne. **Discurso da Servidão Voluntária**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

CDA, Associação para o Desenvolvimento da Agronomia – DESAGRO, Faculdade Ruy Barbosa – FBR, Leis de Terra do Estado da Bahia, Angelina Nobre Rolim Garcez, Hermano Augusto Machado, 2ª ed. – Salvador , 2001

GALEANO, Eduardo, As veias abertas da América Latina; tradução de Galeno de Freitas, 8º ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GUIMARÃES, Alberto Passos – Quatro Séculos de Latifúndio , Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968

INCRA. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Sistema Nacional de

LEITE, Ilka B., Os Quilombos no Brasil : questões conceituais e normativas, Santa Catarina , Boletim Eletrônico do NEAD, 2003

LIMA, Ruy Cirne, Pequena História Territorial do Brasil – Sesmarias e Terras Devolutas, Brasília : ESAF, 1988.

MARCELIN, Louis Herns A linguagem da casa entre os negros do Recôncavo Baiano Mana vol.5 Rio de Janeiro, 1999.

MARTINS, José de Souza – O Cativo da Terra, São Paulo, Hucitec, 1986_

MDA/PRONAF Buscando as Raízes Agricultura Familiar e Reforma Agrária, Brasília, 2002 Caderno de Capacitação nº1

MOREIRA, Alberto Lélío - Princípios de Engenharia e Avaliação - São Paulo PINI: Escola Nacional de Habitação e Poupança - 1984.

NASCIMENTO, Abdias. 1980. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 281p.

NUER, Boletim informativo do NUER nº 2 Territórios Quilombolas Reconhecimento e Titulação de Terras Florianópolis NUER/UFSC 2005

OLIVEIRA, Maria Quitéria de Castro. Impacto de mudanças no uso do solo nas características hidrossedimentológicas da bacia hidrográfica do Rio Joanes e sua repercussão na zona costeira Departamento de Geologia UFBA, 1999

O'ODWYER, Eliane Cantarino. *Terra de Quilombos*, Apresentação. Rio de Janeiro: ABA;
Projeto GeografAR – A Geografia dos Assentamentos na área rural. *Leitura Geográfica da Estrutura Fundiária e das Formas de Acesso à Terra no Estado da Bahia. Banco de Dados*. Grupo de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Geografia MGEO/IGEO/UFBA/CNPq. Salvador, 2005.

OLIVEIRA; João Pacheco de Regulamentação de terras de negros no Brasil,

Boletim Informativo Nuer nº1 Florianópolis,1996.

PENEIREIRO, Fabiana Mongeli. Sistemas Agroflorestais dirigidos pela Sucessão natural: um estudo de caso. Dissertação apresentada à Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências, Área de Concentração: Ciências Florestais. Piracicaba, 1999.

RAFFESTIN, Claude Por uma Geografia do Poder Ed. Ática, São Paulo,1993

REIS, João J. , Rebelião escrava no Brasil : a história do levante dos malês em 1835. Edição Revista e Ampliada , São Paulo : Cia. Das Letras, 2003

REIS, João J. e Gomes, Flávio dos S., orgs., Liberdade por um Fio – História dos Quilombos no Brasil, São Paulo : Cia das Letras, 1996.

SCHWARTZ, Stuart B., Cantos e Quilombos numa conspiração de escravos Haussás in Liberdade por um Fio – História dos Quilombos no Brasil, São Paulo : Cia das Letras, 1996
____ Segredos Internos – Engenhos e escravos na sociedade colonial, São Paulo, 1988

SRHSH, SECRETARIA DE RECURSOS HÍDRICOS SANEAMENTO E HABITAÇÃO . 1996. *Plano Diretor de Recursos Hídricos Bacias do Recôncavo Norte e Inhambupe*. Salvador. Documento síntese. 294p.

SODERO, Fernando Pereira , Esboço Histórico da formação do direito agrário no Brasil, Rio de Janeiro, FASE, 1990

TORRES, Paulo R. e Baldez, Miguel L., Distribuição e Concentração Fundiária – Aspectos Históricos e Atuais, Salvador , AATR, 2002

VIEIRA, Lúcio Salgado - Manual de Morfologia e classificação de solos, Editora Agronômica Ceres LTDA, São Paulo, 2ª edição, 1983

VILHENA, Luís dos Santos, A Bahia no Século XVIII,